

“O CRISTÃO, HOMEM DE ORAÇÃO”

Jorge Alves Barbosa

“A oração é a ressonância que ganha corpo no coração quando advertimos – eventualmente contra qualquer indício ou convicção racional – que Deus está presente. Deus, pai e mãe, poderoso e delicado, afirmação e expectativa, exigente e indulgente, que coloca o coração de pernas para o ar e o lança num tumulto de onde o retira para o confiar à alegria da paz e da ordem. O rezar implica também a utilização de expressões verbais, o dizer orações, mas significa sobretudo estar alerta, permanecer à escuta para perceber o mínimo sussurro que poderia revelar o aproximar-se de Deus, melhor, o nosso aproximarmo-nos dele, depois de tantos tormentos, itinerários sinuosos, dúvidas, incertezas, recusas, esquecimentos e arrependimentos. A oração é o nosso ser autêntico quanto tomamos consciência de que somos filhos de Deus e reagimos à sua presença na nossa vida”.¹

Apresentar a oração como um sinal da identidade cristã – este “nosso ser autêntico” – não é mais que evocar a imagem com que a primeira comunidade cristã era identificada na opinião pública de então, certamente invadida de uma grande estranheza perante o fenómeno desse grupo nascente à revelia das convenções sociais e religiosas do império romano: “têm por costume, em determinados dias, reunir-se antes do nascer do sol e cantar, alternadamente entre si em coro, um hino a Cristo como a Deus”, assim escrevia Plínio ao Imperador Trajano.² Desde então é esse o bilhete de identidade que os próprios cristãos apresentam aos seus perseguidores, como nos recordam as actas de mártires e os escritos dos Padres, particularmente do mártir S. Justino de Roma. Nos dias de hoje, quando a secularização se afirma como uma característica fundamental, quando a laicidade é condição de sobrevivência e a opinião pública exige dos cristãos uma imagem diferente, mais, num estilo de Igreja onde o espectáculo das iniciativas de solidariedade, a proliferação de construções, e a frenética criação de obras sociais se afirmam com mais veemência e mediatização que as preocupações pastorais, falar do

¹ GIACOMO BAROFFIO, “*La Donna in Preghiera*”, Conferência inédita (oferta do Autor).

² “Quod essent soliti stato die ante lucem convenire carmenque Christo quasi deo dicere secum invicem” in *Actas de los Mártires*, Ed. de RUIZ BUENO, B.A.C. n.º 75, Madrid, 1974, p. 246.

cristão como “homem de oração”, falar da Igreja como comunidade orante, definir a identidade do cristão em termos de oração parece não ser muito atraente e, sabe-se lá, politicamente incorrecto. Hoje reza-se pouco, pior, a oração parece ter passado de moda, reduzida já aos restos de um passado insensível perante a realidade do mundo, restos que persistem num contexto social e religioso em que tudo se mede pelos cânones da produtividade, da eficácia, e até da imagem; a própria oração vale apenas na medida em que pode ser mediatizada: jornadas, encontros, vigílias, etc.

1. – Alguns obstáculos actuais à oração

Os primeiros obstáculos à oração surgem do próprio conceito ou da forma como se expressa o acto de rezar: não será a oração “um inútil balbuciar do homem, uma projecção subjectiva de sentimentos”? Não será a oração uma forma alienante de fugir ao esforço diário de uma luta pela vida e aos compromissos com o mundo, não será um culto da passividade e da inércia, não será a pretensão de ignorar os próprios limites para se entregar ao poder e bondade de um Deus feito mesmo à medida para “tapar os buracos” da nossa incompetência? Não será verdade que nos deixamos invadir na oração por aquele sentimento e estado de espírito que provoca muitas vezes a crítica certa do “fia-te na Virgem e não corras”? Não será a oração a exibição da arrogância e do egoísmo de exigir um Deus só para nós, um Deus que não resistimos à tentação de virar contra os outros? Não será a oração uma egoísta presunção de trazer para a nossa intimidade um Deus que aí se manifesta, mas que não cabe na grandeza do próprio universo? Não seria bem mais importante buscar esse Deus na relação com os outros, fazendo da oração uma atitude de conversão em ordem a uma acção mais comprometida na ordem social e política do mundo em que vivemos?³

Estas são algumas das questões que provocaram a crise da oração surgida nos últimos anos, crise que acompanhou um positivo empenhamento mais forte e consciente com o mundo, por parte dos cristãos, crise que criou uma sensibilidade mais profunda para os problemas sociais e uma inclinação para a acção sócio-caritativa, e terá mesmo provocado uma nova mentalidade sobre a oração como forma de nos relacionarmos com Deus. Mas também há outras razões, porventura de ordem mais pessoal, para a crise da

³ J. CASTELLANO, “Oración y Liturgia” in *Nuevo Diccionario de Liturgia*, Ed. Paulus, Madrid, 1996, pág. 1457.

oração: damos e aceitamos a desculpa de que “não há tempo para rezar”, embora a verdade seja a de que “não nos apetece”,⁴ e “não sentimos vontade”; pior ainda quando não sentimos necessidade de Deus, não somos capazes de encontrar o sentido das prioridades na distribuição do tempo; situação que afinal já é denunciada no livro de Qoeleth (Qo 3, 1-9).

Outra questão que se coloca é: “rezar o quê”, “rezar com que intenção”, “qual o objecto ou o objectivo da oração”, “por quem e por que coisa se reza”? Frequentemente, a resposta não esconde alguns sinais de egoísmo: rezamos para pedir favores, rezamos para resolver as nossas dificuldades, rezamos porque nos sentimos sós ou desamparados perante as situações insolúveis; o gesto de rezar surge espontaneamente, mesmo naqueles que não têm o hábito de rezar, em momentos de aflição, de aperto ou, eventualmente, perante a desgraça ou o infortúnio dos outros. Em boa verdade, a nossa oração não corresponde a um gesto espontâneo de encontro com Deus, mas apenas à evocação ou provocação de um Deus para que venha em socorro das nossas incapacidades... Tal estado de espírito comanda as formas de entender todo e qualquer tipo de oração, uma oração que se limita a pedir coisas muito concretas e, na melhor das hipóteses, a agradecer coisas muito concretas. Das expressões mais elementares de oração, presentes num certo imaginário popular, às expressões de oração litúrgica, incluindo a participação na Eucaristia, esta dimensão muito concreta, objectiva e visivelmente interesseira da oração está presente; o facto mais que evidente de a participação na Eucaristia se reduzir à oração pelos defuntos aumentando a frequência nos funerais ou no mês de Novembro é disso uma prova inquestionável. Não ignoramos certamente que “o cristão deve ter uma consciência particularmente clara dos perigos a que está sujeita a vida do homem no mundo e o seu futuro no tempo, tal como também o seu futuro final, eterno, escatológico. A consciência de tais perigos, todavia, não gera pessimismo, mas induz apenas à luta pela vitória do bem em todas as dimensões. E é mesmo desta luta pela vitória do bem no homem e no mundo que brota a necessidade de rezar”.⁵

⁴ A este respeito há um belíssimo texto de um *Sermão* de S. Carlos Borromeu que vem transcrito na *Liturgia das Horas*, na memória do mesmo Santo, a 4 de Novembro; ver Volume IV, pág. 1418.

⁵ JOÃO PAULO II, *Atravessar o limiar da esperança*, Ed. Planeta, Lisboa, 1994, pág. 20.

2. A oração: desafio humano ou resposta divina?

O que é a oração? Colocado perante esta questão, simples e provocante, João Paulo II respondia que “a oração é sempre uma forma de diálogo. Um diálogo entre um “eu” e um “tu”; mas neste caso um “Tu” com maiúscula. A experiência da oração ensina que se o “eu” parece ser, à primeira vista, o elemento mais importante, reconhece-se depois que, na realidade, as coisas são diferentes: o mais importante é o “Tu”, porque é em Deus que tem início a nossa oração”⁶. A plenitude da oração não se atinge quando o homem se exprime a si próprio, mas “quando o homem deixa que na sua oração se faça mais plenamente presente o próprio Deus”.⁷ Essa inter-relação do homem com Deus está presente de forma particular na experiência do povo de Deus, veiculada pela Sagrada Escritura, como veremos de seguida.

2. 1 – A oração do povo bíblico

É na experiência histórica do povo de Deus que a oração cristã vai encontrar as suas raízes, e a melhor imagem que o Antigo Testamento nos deixa como testemunho dessa experiência é, nas palavras de Joaquim Jeremias, a de “um povo que sabia rezar”, um povo que ensinou outros povos a rezar. Com o povo de Israel inverte-se o tradicional sentido da oração: com esse povo, passa-se de uma visão em que o homem parte das suas preocupações e anseios à procura de Deus para que Ele intervenha em seu favor nos acontecimentos da história ou no confronto com a natureza – oração própria dos povos pagãos da antiguidade – para uma oração em que o homem se coloca à escuta de Deus. Na oração do povo bíblico, é Deus que se revela a partir da vontade e do esforço do homem em encontrar-se no mais profundo de si mesmo e na descoberta do outro. A revelação que o Antigo Testamento nos transmite é distinta das revelações invocadas por outras religiões: nestas há um Deus que se revela, independentemente da acção do homem, enquanto que o Deus de Israel se revela através de uma permanente interacção com a vontade e a tibieza, com o dinamismo e a inércia, com a coragem e a cobardia, com a aventura e a apatia, com a fidelidade e a indiferença do homem. É esta

⁶ idem, pág. 14.

⁷ idem, pág. 16.

dimensão profundamente humana que confere à revelação bíblica aquela dose de credibilidade que a coloca num lugar único entre qualquer outra forma de revelação; ora é precisamente esta dimensão humana da revelação divina que se exprime na oração.

Evocando o exemplo de Abraão,⁸ recordando a fidelidade e a força orante de Moisés,⁹ revivendo o testemunho de santidade, a profundidade e convicção da oração dos profetas,¹⁰ ou recontando simplesmente aos filhos, no aconchego das celebrações familiares, a epopeia do Êxodo, o povo bíblico está a rezar porque reconhece que em cada uma dessas pessoas ou situações está a mão de Deus sempre presente; se os acontecimentos são positivos, se as pessoas se comportam como amigas, então o povo louva o Senhor; se os acontecimentos são negativos, se o comportamento dos seus heróis se desvia da verdade e do bem, então o povo pede perdão; e até quando Deus parece ter-se esquecido das promessas feitas aos antepassados e o homem se vê abandonado à mercê dos inimigos, logo surge uma atitude de repreensão ou se ergue um grito de revolta; mas sempre, em cada uma destas atitudes, há uma oração. É por isso que a oração do povo de Israel é uma *oração de carácter narrativo*: por ela o homem dirige-se ao Deus que entrou na sua história, intrometendo-se na singularidade dos acontecimentos da vida pessoal e colectiva, um Deus que é “presente” (“Jahweh”) no presente da sua vida; um Deus que é recordado como fazendo parte das suas raízes, do seu passado, da sua história, mas um passado e uma história que se revivem e permanecem presentes enquanto “memorial”; um Deus que é também futuro, promessa, garantia de fidelidade e salvação para os homens. Assim a oração do povo de Israel, a forma como o povo bíblico nos ensina a rezar, é a única forma de cada comunidade e cada indivíduo entrarem, em cada tempo, (“kairós”) no ambiente de eternidade, de viverem o “hoje” permanente de Deus, sentirem já o futuro como promessa. A oração que nos ensina o povo bíblico arrebatá-nos das limitações de cada momento e derruba as fronteiras de cada lugar para nos levar ao encontro desse Deus que abre as portas e nos introduz no Seu ambiente de eternidade. Esta forma de orar vai inspirar a dimensão

⁸ Veja-se a oração de Abraão em Gen 18, 23-32

⁹ Sobre a oração de Moisés ver sobretudo a belíssima oração em Ex 32, 11-13; sobre a eficácia da oração do mesmo Moisés, ver Num 21, 7, por causa das serpentes e o célebre episódio da batalha contra os Amalecitas com Moisés a orar de braços estendidos em Ex 17, 11-14.

¹⁰ Interessante a enorme oração de Daniel em Dan 9, 4-19.

escatológica da própria liturgia cristã na medida em que introduz a nossa oração e as nossas celebrações na celebração e oração dos eleitos de Deus.

A forma de rezar do povo bíblico exprime-se de diferentes maneiras, que vão do gesto à palavra e ao canto: no gesto de oferecer com que reconhece o Senhor como soberano de toda a criação, no gesto de inclinação com que exprime a adoração, no gesto de erguer os olhos ou as mãos ao céu com que exprime a súplica ou o louvor, na invocação com que procura inserir o próprio Deus no mundo das suas preocupações, na petição com que apresenta as suas carências e afirma a sua confiança, está sempre uma forma de oração. Tanto a exultação e o louvor, pela consciência dos favores de Deus, como aquela mágoa que desponta na experiência da dor constituem oportunidades para a oração: por meio delas se renova o permanente confronto entre as promessas de Deus e a gratidão do homem, entre as propostas e apelos divinos e a consciência do incumprimento, da infidelidade, da rebeldia ou da ingratidão. E até a consciência das próprias carências humanas é entendida como expressão da distância ou da ausência desse Deus que renova o apelo ao arrependimento e ao retomar do bom caminho.

Se é verdade que a Sagrada Escritura nos apresenta variados testemunhos de oração e algumas figuras particulares de homens orantes como Abraão, Moisés, David, Daniel, ou de mulheres como Ana¹¹ ou Ester,¹² é nos Salmos que encontramos a expressão mais clara da exaltação, da alegria, da decepção e da dor de uma condição humana transformada em oração. Os Salmos são a oração da comunidade, quer no templo quer nas casas; são a prece de cada homem que, no íntimo do coração, coloca diante de Deus as suas preocupações e anseios face aos revezes da vida, exprimem o êxtase e a gratidão face às maravilhas da criação ou da história. A própria liturgia cristã vai retirar dos Salmos algumas das suas expressões mais ricas quer na liturgia sacramental quer, particularmente, na *Liturgia das Horas*; aí, a realidade histórica do povo bíblico assume uma dimensão “meta-histórica” e os acontecimentos particulares da vida de Israel vão enquadrar-se na experiência particular ou colectiva, de cada tempo e de cada homem ou comunidade que reza.

Sabemos também que a oração do povo bíblico se insere num quadro mais ou menos determinado quer no que respeita aos lugares quer aos momentos em que

¹¹ Veja-se a belíssima oração de Ana em 1Sam 1, 13 e, depois, o canto de agradecimento em que S. Lucas se vai inspirar para a composição do Magnificat em 1Sam 2, 1-10.

¹² A oração de Ester pelo povo condenado ao extermínio em pleno exílio é nos apresentada em Est 4, 17.

desenrola: a oração três vezes ao dia; o jejum e a frequência do Templo nas grandes solenidades do calendário religioso; a frequência da sinagoga ao sábado; a oração e as celebrações em família eram algumas das suas manifestações mais comuns. É também este o quadro em que se desenrolam os acontecimentos que constituem, no Novo Testamento, o quadro sócio-religioso em que se integra o próprio Jesus (Lc 4, 16). A partir deste quadro, que jamais renegará verdadeiramente, Jesus vai dar-nos uma nova dimensão da oração.

2.2 – Jesus, modelo do “homem orante”

Tal como o Antigo, também o Novo Testamento nos aparece como um livro onde a oração está sempre presente. A comunidade dos contemporâneos de Jesus vive as práticas de oração tradicional da comunidade de Israel; a frequência da sinagoga tinha substituído em grande parte as celebrações do Templo em virtude das subsequentes destruições e reconstruções do mesmo.¹³ O próprio Jesus se integra nessa renovação e vai aproveitá-la para nos dar uma nova imagem da relação com Deus a quem se deve adorar, não em templos, mas “em espírito e verdade”(Jo 4, 23); com essa novidade abre caminho a uma nova dimensão do próprio templo que Ele desafia a destruir para o reconstruir em três dias (Mt 21, 12-13 e Jo 2, 14-22). Assim, para além das frequentes manifestações de oração da comunidade israelita, transmitidas pelo Evangelho e restantes escritos do Novo Testamento, é o exemplo de Jesus que sobressai como o mais forte e convincente modelo de oração: Ele insiste em que devemos orar sem cessar, dá-nos um exemplo de oração e de diálogo permanente com o Pai e, por fim, ensina-nos a rezar. Deste exemplo de Jesus nascerá uma comunidade cuja vida de fé se exprime na oração, ao ponto de encontrarmos as narrativas sobre a vida da comunidade primitiva, nomeadamente nos Actos dos Apóstolos, e nas cartas paulinas,

¹³ Dispomos de elementos bastante seguros e numerosos sobre as práticas judaicas da oração no tempo de Jesus. A documentação mais completa é-nos fornecida pela “Mishná”, um código rabínico compilado por volta do ano 200 da era cristã. No tratado das bênçãos ensina-se concretamente que há três momentos de oração ao dia: ao amanhecer, ao meio-dia e à tarde. Duas destas três horas coincidem com a hora do sacrifício perpétuo que diariamente se oferecia no Templo (Num 28, 2-8). À mesma hora que os sacerdotes ofereciam os sacrifícios no Templo de Jerusalém, todos os judeus se uniam a eles pela oração em qualquer lugar em que se encontrassem. Desta forma se associava a oração ao sacrifício litúrgico, participando e dando-lhe sentido.

impregnadas de orações e hinos de louvor a Deus por Jesus Cristo, retirados precisamente da vivência e das celebrações da comunidade.

Jesus é o modelo do homem orante: como nos recordam os Evangelhos, Jesus tanto reza ao ritmo das horas do dia (Mc 1, 35) como reza nos momentos mais importantes e dramáticos da sua vida e missão: há uma oração de intimidade nos momentos em que Jesus se retira para o monte, a altas horas da noite (Mt 14, 23); no episódio do baptismo, no Jordão, quando surgiu o Espírito em forma de pomba, Jesus estava a rezar (Lc 3, 21); passou a noite em oração antes da escolha dos Apóstolos (Lc 6, 12); no momento da transfiguração também estava a rezar (Lc 9, 28). Jesus faz uma oração pública, quase litúrgica, ao “erguer os olhos ao céu” quando realiza alguns dos milagres que considera mais significativos e pretende apresentar como sinais “para que se manifestem as obras de Deus”, como a multiplicação dos pães (Jo 6, 11) ou a ressurreição de Lázaro (Jo 11, 41). O tempo da Paixão é particularmente significativo quanto à presença da oração, desde o louvor e gratidão da grande “oração sacerdotal” (Jo 17), à súplica dramática no Jardim das Oliveiras (Mc 14, 36), ao grito desesperado que se ergue no momento mais trágico do Calvário (Mc 15, 35) onde reza com as palavras do *Salmo 21*: “Meu Deus, porque me abandonaste?”; finalmente, na oração confiante com que se entrega nas mãos do Pai (Lc 23, 46), dá-nos o melhor exemplo de uma oração amadurecida, na total conformidade com a vontade do Pai.

Jesus recorda-nos que devemos orar sem cessar: o exemplo que nos deixa é para ser seguido e não apenas referido ou recordado; vários são os textos em que, no Evangelho, se fala da importância da oração, desde o “rezar para não entrar em tentação” (Mc 14, 38) até à oração como única forma de esconjurar o mal (Mt 17, 21); desde oração insistente como forma de alcançar o que se pretende (Lc 18, 1-8), até à oração como forma de encontro na intimidade com o Deus que afinal sabe muito bem aquilo de que precisamos (Mt 6, 6) ou à oração como exercício de humildade e perseverança (Mt 7, 7). Jesus ensina-nos ainda que a oração em comum é a melhor: “onde dois ou três se reunirem em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt 18, 20).

Jesus, finalmente, ensina-nos como rezar: muitas vezes os evangelistas nos apresentam o Jesus orante e o Jesus que manda rezar; certamente esta insistência se enquadra na já conhecida tradição de Israel: a oração dos Salmos, as práticas da sinagoga, os ensinamentos dos rabinos. Os poucos exemplos de oração pública de Jesus orientam-se no sentido de uma explicitação concreta dos seus sinais como na ressurreição de Lázaro (Jo 11, 41-42) ou então com um objectivo determinado como na

oração pela unidade dos discípulos (Jo 17, 1-26). A tradição rabínica e o exemplo de João Baptista evocado pelos seus discípulos está na origem daquela lição concretizada no *Pai-Nosso* segundo a tradição de Lucas (Lc 11, 1-4), ao contrário da tradição de Mateus onde ela nasce da necessidade de ultrapassar o “palavreado” das orações dos gentios e a importância de uma sintonia com a vontade de Deus. (Mt 6, 7).¹⁴

2.3 – A comunidade de crentes e orantes

“Eram assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fracção do pão e às orações”: assim define S. Lucas a primeira comunidade cristã (Act 2, 42); entre os diversos meios de expressão da comunidade encontramos a oração, reiterada por diversas vezes nos “resumos” do livro dos Actos (1, 14; 4, 24; 12, 5). A reunião em assembleia orante é, desde logo, o marco distintivo dos discípulos de Jesus, no seguimento da afirmação de que “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt 18, 20) que já apontámos acima. Temos também indicações de que a oração da comunidade seguia de perto a prática judaica de rezar nas diferentes horas do dia, prática que haveria de ser consagrada na oração oficial.¹⁵ A experiência da comunidade de Jerusalém será o modelo das comunidades paulinas (Ef 5, 18-20; Col 3, 16-17) pelo que encontramos nas cartas de Paulo um exemplo dessa prática de oração entendida pelo Apóstolo como norma de fé e como forma estilística particularmente assumida nas saudações e acções de graças (Ef 1, 3-14). A grande invocação da comunidade primitiva “Vem, Senhor Jesus!” resume a oração que exprime a consciência da soberania resultante da ressurreição de Jesus, a esperança e expectativa da Sua vinda iminente (Ap. 22, 20) e ainda o desprendimento do mundo e a referência escatológica da própria vida humana. Efectivamente “todo o culto da Igreja primitiva se desenvolve em ambiente de oração, com fórmulas apropriadas; juntamente com a

¹⁴ Não inserimos aqui, por ser demasiado extenso, qualquer comentário à *Oração do Senhor*. No entanto esta pode estudar-se com muito proveito no *Catecismo da Igreja Católica*, pág. 581-600; ao mesmo tempo há um precioso comentário de S. Cipriano de Cartago sobre a *Oração Dominical* que vem em grande parte transcrito na Liturgia das Horas, Ofício de Leituras, a partir do Domingo XI do Tempo Comum, volume III, pág. 385.

¹⁵ Na hora terceira foi infundido pela primeira vez o Espírito Santo aos Apóstolos quando estavam reunidos (Act 2,15). À hora sexta subiu Pedro ao terraço para orar no dia em que experimentou a visão da universalidade da comunidade no lençol que caía suspenso pelas quatro pontas cheio de animais (Act 10,9). À hora nona Pedro subiu com João ao templo quando curou o paralítico (Act 3,1).

“fracção do pão”, a oração é o sacrifício espiritual dos cristãos, oferenda de louvor a Deus, fruto dos lábios que confessam o seu nome” (Heb 13, 15). Se é verdade que Jesus tinha dito para rezarmos ao Pai em Seu nome (Jo 14, 13; 14, 16; 15, 16, 16, 23-24) e tinha apresentado o Espírito Santo como aquele que haveria de dar um sentido novo aos seus gestos e ensinamentos (Jo 14, 26), S. Paulo vai mais longe ao dizer que é o próprio Espírito que reza em nós (Rom 8, 26) e, mais ainda, que nem sequer podemos dizer “Senhor Jesus!” se não formos animados pelo Espírito Santo (1Cor 12, 3).

3. A Oração Litúrgica

É nesta experiência de oração vivida pelas comunidades cristãs dos primeiros séculos que procuram seguir os ensinamentos e exemplos de Jesus, ao lado de uma releitura dos escritos do povo hebreu, que a Igreja vai colher os elementos com que se irá formar toda a tradição e repertório da oração litúrgica dos séculos seguintes. Do Antigo Testamento recolhe-se a oração e canto dos salmos bem como a inspiração para os primeiros hinos cristãos, alguns deles já presentes nos escritos neotestamentários; recolhe-se ainda o sentido da santificação das horas do dia, no quadro de uma jornada que obedece também aos critérios utilizados pela cultura romana; reconhecemos ainda a influência de alguns elementos hebreus não bíblicos, como as orações de bênção, nas formas mais importantes da oração litúrgica cristã.¹⁶ Do Novo Testamento, para além da dimensão orante e do estilo do próprio Jesus, ganha relevo especial o *Pai-Nosso*, associado a outros textos que se transformam em fórmulas litúrgicas: a súplica do centurião passa para a aclamação de antes da comunhão (Mt 8,8); algumas saudações paulinas tornam-se saudações iniciais na Eucaristia, (2Cor 13, 13); e muitos gestos de Jesus que convertem-se em gestos sacramentais;¹⁷

3.1 – A oração na Igreja

¹⁶ São concretamente as orações que acompanhavam os sacrifícios da manhã e da tarde (Yôzer) e as grandes orações de bênção e intercessão (Tephilah). Estamos a pensar particularmente na “Beraqah” judaica que está subjacente à oração eucarística presente na Tradição Apostólica de Hipólito e hoje nos Missais como Oração Eucarística II

¹⁷ Por exemplo o gesto de deitar saliva (Mc 7, 33; Mc 8, 23 e Jo 9, 6) nos ouvidos ou na língua que passa para o ritual do Baptismo ou mesmo o gesto de partir e abençoar o pão (Mt 14, 19) que passa para a Eucaristia.

Um documento de capital importância sobre a vida da Igreja dos primeiros séculos e que nos transmite alguns testemunhos da oração é a *Didachê*. Ali se prescreve a oração do Pai-Nosso três vezes ao dia, numa eventual transformação do preceito judaico de recitação da “Shemah Israel” (Dt 6, 4-9) e incluindo o embolismo “Vosso é o reino e o poder e a glória para sempre” que hoje encontramos também como complemento do Pai-Nosso; neste documento temos uma oração eucarística e muitas outras orações de teor marcadamente eucarístico, algumas das quais rezamos na liturgia actual. Encontramos exemplos de oração nas *Odes de Salomão*, nas actas dos mártires e nos escritos dos Padres dos primeiros séculos. O mais célebre exemplo de celebração litúrgica é-nos transmitido por S. Justino de Roma na *Apologia I*: “No dia do sol, como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades quer dos campos, e lêem-se, na medida em que o tempo o permite, ora os comentários dos Apóstolos ora os escritos dos Profetas... A seguir, pomo-nos todos de pé e *elevamos as nossas preces* e, como já dissemos, logo que as preces terminam apresenta-se pão, vinho e água. Então o que preside eleva, com todo o fervor, *preces e acções de graças* e o povo aclama: Amém”.¹⁸ A oração da igreja aparece já relativamente bem estruturada na *Tradição Apostólica de Hipólito* e podemos encontrar um certo tratamento sistemático da oração litúrgica nos escritos dos padres como S. Clemente de Roma, S. Cipriano de Cartago, Orígenes, Tertuliano e Clemente de Alexandria.¹⁹

3.2 – Dimensão teológica da oração

Em função dos elementos que vimos apresentando, nomeadamente das fontes bíblicas da oração, poderemos deduzir a dimensão teológica da oração cristã, seja ela

¹⁸ S. JUSTINO DE ROMA, *Apologia I*, cap. 66)

¹⁹ A época patrística segue a mesma prática da comunidade apostólica como se pode ver pelos diversos testemunhos escritos: S. Clemente de Roma (Ad Cor, 40, 1); Clemente de Alexandria: “o oriente significa o nascimento do sol e aí começa a luz que nasce das trevas, imagem da ignorância, o dia representa o conhecimento da verdade. Por isso, ao nascer do sol rezam-se as orações matinais; alguns também dedicam à oração horas determinadas e fixas como a terça, a sexta e a nona, de forma que o iniciado pode rezar durante toda a sua vida, em colóquio com deus mediante a oração. Eles sabem que esta triplíce divisão das horas que são sempre santificadas pela oração, recorda a Santíssima Trindade (Stromata, 7,7) A esta menção das horas menores acrescenta depois Tertuliano a relação com textos da Sagrada Escritura bem como faz menção das vigílias bem como as orações do início do dia e do início da noite.

propriamente litúrgica ou comunitária seja simplesmente uma oração pessoal: a oração será sempre um diálogo da comunidade cristã com o Pai, por Cristo, no Espírito Santo, um diálogo que pressupõe a escuta e acolhimento da Palavra de Deus por parte do homem ao mesmo tempo que uma participação na acção celebrativa da comunidade dos crentes. A oração cristã apresenta uma dimensão trinitária, eclesial e antropológica.²⁰

Uma dimensão trinitária: todas as orações cristãs, quer em função dos ensinamentos de Jesus quer do sentir da própria Igreja, apresentam uma dimensão trinitária: a oração é, na maior parte das vezes, dirigida ao Pai com diversos títulos (Deus eterno e onipotente; Senhor, etc.) e conclui com a alusão às outras duas pessoas divinas (“Por Nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho na unidade do Espírito Santo”). Esta dimensão trinitária da oração litúrgica não impede que a oração cristã assuma uma relação particular com cada uma das pessoas divinas, mesmo que seja dirigida ao Pai a maior parte das orações, a começar pelo “Pai-Nosso”; esta relação particular e concreta com as pessoas divinas terá algumas implicações nem sempre são tidas em conta na forma de rezar dos cristãos, o que dá origem a alguns equívocos: rezar o Pai-Nosso a Jesus ou rezar ao Pai alguma oração que apela às experiências vividas por Jesus Cristo, Verbo incarnado.²¹

Na oração ao Pai, o cristão assume a sua condição de “filho” e, por isso mesmo, a oração deverá estar impregnada das expressões de filiação como a fé, a ternura, a confiança, o amor, o abandono e a vontade de entrega nas mãos do Pai. Esta relação de filiação com o Pai não impede que a oração apresente uma dimensão cristocêntrica: Jesus Cristo é o mestre, modelo, mediador, objecto e mesmo sujeito da nossa oração; como mestre ensina-nos a orar; enquanto modelo, ensina-nos como orar; mediador da nossa oração, ora por nós, como sujeito da oração une a Si mesmo as orações de todos os cristãos, como objecto escuta as orações que lhe dirigimos. Cristo está presente na oração do cristão “unindo a si, de tal modo, a comunidade humana que se estabelece uma união íntima entre a oração de Cristo e a de todo o género humano. Em Cristo e só em Cristo a religião do homem alcança o seu valor e a sua finalidade salvífica”; Ele é mesmo o fundamento daquela relação filial que dá sentido à oração que dirigimos ao Pai. A razão de ser e o fundamento da relação filial do cristão com o Pai por meio de Cristo encontra-se na acção do Espírito Santo: ele é o vínculo da comunhão entre todos

²⁰ Seguimos de perto o artigo citado de J. CASTELLANO, *Nuevo Diccionario de Liturgia*, pág. 1462-4.

²¹ Isto para não falarmos já de rezar a Ave Maria a Jesus ou a Deus Pai e o Pai Nosso a Nossa Senhora...

os que rezam, ele é artífice da oração cristã como nos recorda S. Paulo (Rom 8, 26 e “Cor 12, 3). É o Espírito que purifica e interpreta a nossa oração cristã e nos torna capazes de viver a coerência filial que torna eficaz a nossa oração e a nossa relação com o Pai; toda a autêntica manifestação orante, individual ou comunitária, é obra, é fruto da acção do Espírito Santo.

Uma dimensão eclesial: desta acção do Espírito na oração cristã deriva também a sua dimensão eclesial; os ensinamentos de Jesus apontavam directamente para a dimensão comunitária da oração ao dizer “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome eu estarei no meio deles” e sobretudo ao ensinar-nos a rezar “Pai-nosso” e não “meu pai que estais nos céus”. Para além de salientar a dimensão comunitária da Igreja, como povo de Deus ou como corpo de Cristo, a oração eclesial dá relevo à participação de todos no mesmo baptismo e na a confissão da mesma fé. Toda a oração cristã é, em certa medida, uma oração de todo o corpo de Cristo, mas isso acontece particularmente com as pequenas assembleias onde está presente a totalidade da Igreja. Já desde as origens, a oração cristã envolvia esta dimensão eclesial porque ela era a expressão da unidade da fé (“lex orandi, lex credendi”) e da comunidade orante com todos os baptizados bem como da universalidade das intenções na mesma oração; assim, toda e qualquer manifestação da oração cristã deve ser orientada e educada dentro desta dimensão eclesial, O cristão em oração é um cristão em sintonia com as preocupações e o sentir da Igreja inteira e não apenas a expressão dos seus interesses particulares; isso não implica de modo nenhum que o carácter pessoal não possa entrar na oração como se esta ficasse sempre desencarnada ou alheia à vida do cristão orante. Há na oração também uma dimensão antropológica que veremos de seguida.

Uma dimensão antropológica: ao apresentarmos a revelação e a oração numa perspectiva bíblica, tivemos a oportunidade de salientar a importância que aí reveste a dimensão marcadamente humana da experiência do povo de Deus e as contradições e limitações da natureza humana como veículo para a compreensão do próprio dado revelado. É esta riqueza humana da oração que agora nos ocupa: é evidente que a expressão do sentimento humano por si só não é suficiente para que haja oração, mas essa expressão deve abrir-se ao próprio Deus, tornando-se a oportunidade para conhecer a Sua vontade e para lhe responder com aquela abertura de coração que uma relação filial implica; da mesma forma uma oração que procurasse exprimir a relação com Deus de uma forma racional, fria, isenta de sentimentos e de vibrações do coração também não seria verdadeiramente oração. Poderíamos dizer que Jesus se fez homem para, na

sua humanidade, nos ensinar, entre outras coisas, a rezar como homens; Ele “aprendeu a amar com um coração humano”²² e aprendeu a rezar com esse mesmo coração humano, o coração que vemos exultar de alegria, segundo a palavra do Evangelho: “Eu te bendigo ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11, 25); é o mesmo coração humano que suplica: “Pai, se é possível, passe de mim este cálice” (Mt 26, 39), é o mesmo coração humano que compreende a condição dos homens e as suas fraquezas e que faz rezar: “peço-te por estes, não para que os tires do mundo, mas que os livres do mal” (Jo 17, 15); e se estas diferentes orações de Jesus, profundamente humanas, não O afastam da sintonia como a vontade e os planos do Pai, também a oração do cristão, tirando partido da própria sensibilidade, não se pode afastar desta sintonia com a vontade de Deus.

As formas de oração são outros tantos instrumentos que a Igreja oferece a cada homem para ele melhor conseguir expressar os sentimentos e a vontade de rezar; e, se esses instrumentos nasceram precisamente da vida e da experiência humana, como aconteceu com os Salmos, maior eficácia poderão oferecer àquele que os utilizar: a alegria e a dor, os êxitos e os fracassos, o temor e a confiança, a exultação e o peso do pecado, tudo pode transformar-se em oração de louvor, de súplica, de intercessão ou de contrição. A oração cristã envolve a totalidade da pessoa humana, com inteligência e vontade, a alma e o corpo, as palavras, os gestos, tudo integrado num mesmo objectivo: abrir-se generosamente à acção de Deus para nele encontrar o que procura. Nesta oração muito humana se envolve a criação inteira, nela se revê a totalidade da história e a condição humana, em todos os tempo e lugares, nela se reencontra o passado, como experiência, com o futuro, como esperança; na oração é a própria história da salvação que se torna presente como “tempo oportuno” para que cada pessoa dela participe; ao recordar e reconhecer as obras de Deus, vividas pelos antepassados crentes, estamos a reconhecer que, para nós, no viver concreto e presente, Deus tem o mesmo desígnio de salvação, o mesmo gesto de amor. É esta dimensão bíblica e a relação com a tradição litúrgica de muitos séculos que dá à oração a capacidade de acolher e integrar as mais diversificadas expressões culturais, desde que compatíveis com o verdadeiro sentido da oração.

²² Cfr. VATICANO II, *Const. “Caudium et Spes”*, n. 22 e JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica “Às portas do Terceiro Milénio”*, n. 4

3.3 – A oração litúrgica como santificação do tempo

Da mesma forma que o ano litúrgico pretende ser uma vivência do sentido do tempo em que se operou a salvação da humanidade, ao longo da história, também a oração litúrgica pretende ser a expressão da santificação do próprio tempo, vivido nas diferentes horas do dia.²³ E assim como na liturgia não se comemora o passado, mas se revive o passado em cada presente, também o dia se estrutura liturgicamente em função de tempos ou momentos da actividade humana e da oração. A divisão do dia, herdada dos judeus e influenciada pela cultura romana, conforme o testemunho dos escritores dos primeiros séculos, constitui a base da estrutura do que hoje chamamos *Liturgia das Horas*.

A *Liturgia das Horas* constitui um conjunto privilegiado de momentos de oração em que a igreja se entrega à meditação e escuta da palavra de Deus, à recitação dos Salmos, à intercessão e acção de graças, tornando-se a oração por excelência da Igreja e, ao mesmo tempo, uma forma de santificação e vivência cristã do próprio tempo. A distribuição dos diferentes momentos de oração propostos pela *Liturgia das Horas* corresponde a um propósito de santificação desses momentos ao longo do dia e daí que seja aconselhado, quanto possível recitá-las no momento preciso; o conteúdo de cada momento de oração é organizado tendo em conta o tempo litúrgico em que se enquadra, bem como a hora a que respeita. Esta forma de oração litúrgica constitui também um dos sinais mais importantes da unidade da Igreja e, por isso mesmo, para além de representar uma forma de oração que une aqueles que assumem segui-la na sua vida pela própria condição vocacional – clérigos, religiosos e religiosas – representa um subsídio importante para qualquer momento de oração individual e particularmente de oração comunitária; a *Liturgia das Horas* deverá constituir a base de qualquer fórmula de oração cristã se quisermos estar em sintonia com a Igreja e particularmente com a Igreja que reza.

3.4 – Algumas formas típicas de oração litúrgica

²³ Este assunto é tratado na *Instrução Geral da Liturgia das Horas*, n. 10-11.

A oração litúrgica, para o ser verdadeiramente, deverá inspirar-se na Sagrada Escritura, estar em contacto vivo e permanente com a tradição da Igreja e com os ensinamentos e a prática transmitida pelos santos padres, respeitando uns e outros num diálogo vivo e criativo com a linguagem teológica da Igreja de hoje, particularmente a partir da reforma litúrgica preconizada pelo Concílio Vaticano II.²⁴ Em resultado da tradição bíblica e do património eucológico da Igreja, foram-se delineando, conforme as circunstâncias, algumas formas de oração que, mesmo aceitando aquele espaço de criatividade que é sempre um enriquecimento da vida e da oração da igreja, se afirmam como modelos de oração capazes de exprimir a unidade da Igreja e a sintonia com as suas raízes históricas, bem como aquele grau de universalidade que torna a oração una e concorde em qualquer ponto do mundo.

O maior relevo vai certamente para as orações bíblicas e para os salmos como sendo a melhor expressão do homem orante, conforme tivemos já ocasião de referir; aos Salmos e Orações se acrescentam os três Cânticos Evangélicos,²⁵ muitos dos Hinos constantes dos textos do Antigo e do Novo Testamento²⁶ e particularmente a “Oração do Senhor”; algumas orações consecratórias tornaram-se características, adquirindo uma estrutura especial, com relevo para a Oração Eucarística, a oração de bênção da água e dos óleos; nelas se encontra sempre a evocação dos gestos e maravilhas de Deus (anamnese), associada à invocação do Espírito Santo para que renove na vida dos cristãos o efeito dessas maravilhas (epiclese). Temos depois outras orações presentes na estrutura da missa, com relevo para a “Oração Colecta”, a oração sobre as oferendas e a oração de pós-comunhão. Um sentido mais universal da oração litúrgica foi recuperado particularmente pela chamada “Oração Universal” ou “oração dos fiéis” que confere uma dimensão orante à Liturgia da Palavra ao lado do Salmo Responsorial.

Tudo o mais que possamos encontrar ou criar para enriquecer este património eucológico deve aproximar-se dos modelos apresentados, no respeito pelos critérios de

²⁴ Esta doutrina encontra-se particularmente presente na *Constituição “Sacrosanctum Concilium”* sobre a liturgia e também na Introdução Geral do Missal Romano, particularmente nos números 6 a 15.

²⁵ São eles o “Benedictus” ou cântico de Zacarias (Lc 1, 67-79), o “Magnificat” ou cântico de Nossa Senhora (Lc 1, 46-55) e o “Nunc dimittis” ou cântico de Simeão (Lc 2, 29-32)

²⁶ São onze os hinos do Novo Testamento: Rm 8,28-29; Ef 5,14; Flp 2,6-11; Col 1,13-20; 1Tes 5,15-22; 1Tim 3,16; 6,15-16; 2Tim 2,11-13; Tit 3,4-8; Sant 4,6-10; 1Pe 1,3-5.20; 2,22-25; 3,18-22; 5,5-9). Alguns são mais conhecidos como os de Fil 2, 6-11; Ap 19, 1-7; Ef 1, 3-10. Normalmente a Liturgia das Horas apresenta um Cântico do Antigo Testamento como segundo “salmo” de Laudes e um Cântico do Novo Testamento como terceiro “salmo” de Vésperas.

liturgicidade que são: 1) toda a oração deve ser inspirada, quer quanto à palavra quer quanto ao conteúdo, nos dados da revelação bíblica; 2) deve exprimir autenticamente a confissão da fé católica; 3) deve revestir uma dignidade e nobreza literária que se possa afirmar como expressão da fé do povo e da sua riqueza cultural; 4) deve estar de acordo com o estilo próprio de cada celebração e com as características particulares de uma assembleia concreta.²⁷

De qualquer modo, o que importa é que a acção litúrgica seja entendida como oração na escuta atenta da Palavra de Deus, na sintonia com o mistério da salvação e com a acção de Deus na vida do povo eleito, na vida de cada um de nós e das nossas comunidades actuais. Assim sendo, todo o acto litúrgico deve ser expressão do diálogo com Deus e deve ser celebrado num clima de fé; tal é o pressuposto fundamental de qualquer acção litúrgica: a preparação ou predisposição psicológica para acolher a vontade de Deus, para aceitar os Seus desafios e expressar não o egoísmo de quem tudo espera de Deus, mesmo contra os outros, mas a generosidade de quem está disposto a ir ao encontro deles, na busca de novas formas de, nesses outros, reconhecer o amor de Deus e exercitar o amor a Deus. É neste contexto que encontram sentido o silêncio, a palavra, o gesto e o canto: *o silêncio* como espaço de escuta e de contemplação, *a palavra* como espaço de diálogo e abertura à universalidade da criação e da salvação, *o gesto* como forma de entrar em sintonia com todos quantos celebram connosco, com a sua cultura e as formas de comunicação e expressão de sentimentos, *o canto* como veículo de valorização da palavra e meio de levar a oração ao mais fundo do coração humano.

4. A oração e a prática de vida cristã

Neste ponto da nossa reflexão impõem-se forçosamente algumas perguntas: será a oração litúrgica, particularmente a oração e participação eucarística, ou a *Liturgia das Horas* a única forma de oração cristã? Que espaço dar às formas de oração veiculadas durante séculos pela religiosidade popular? Que enquadramento poderão encontrar, no

²⁷ O que aqui dizemos em relação aos textos das orações, vale também para os textos de cânticos e poderia valer também para os textos de admoções, comentários e mesmo das reflexões e conteúdos homiléticos: uma total sintonia com o espírito e o estilo da Sagrada Escritura e com o pensamento e estilo da própria Igreja. A este respeito ver o SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Instrução "Redemptionis Sacramentum"*, n. 9, 39 e 51.

espaço de oração cristã, algumas manifestações de grupos e movimentos, existentes na Igreja de hoje? Onde e como enquadrar a dimensão pessoal da oração? Algumas destas questões foram já encontrando resposta anteriormente, mas procuraremos sistematizar um pouco. Para qualquer forma de oração cristã, dissemos, a oração litúrgica constitui o modelo mais eficaz e autêntico, embora não deva ser entendido no sentido de uma rigidez e exclusividade; quer dizer: poderemos rezar como cristãos sem ser através dos formulários oficiais da igreja, nomeadamente a *Liturgia das Horas*, mas para que a nossa oração seja verdadeiramente cristã, deverão estar presentes nela, de uma forma ou de outra, os elementos constantes da oração litúrgica, a saber, deve ser inspirada e orientada para a Palavra de Deus, deve ser inspirada e orientada para o louvor presente na linguagem dos salmos enquanto experiência do Povo de Deus e deve ser inspirada no estilo das orações da Igreja, enquanto louvor, acção de graças, invocação e súplica, oferta, intercessão e compromisso, nomeadamente na sua dimensão trinitária e eclesial. Toda a oração cristã deve ter a oração litúrgica não só como fonte e origem, mas também como vértice ou ponto de convergência, quer dizer, toda e qualquer oração do cristão deve nascer da liturgia e orientar para a liturgia.

4.1 – A oração na religiosidade popular

Relativamente às expressões devocionais da religiosidade popular, sabemos que elas nasceram fundamentalmente de dois factores: em primeiro lugar, por causa do progressivo afastamento das formas de celebração litúrgica oficial e clerical, à medida que a língua latina se tornava incompreensível, constituíam uma alternativa mais acessível e popular à oração, situação aproveitada e explorada pela própria Igreja oficial com objectivos predominantemente catequéticos; em segundo lugar, face à rigidez formal da liturgia tridentina, possibilitava a vivência de alguns mistérios seleccionados a partir dos vastos e complexos conteúdos da liturgia oficial: a Eucaristia foi reduzida à devoção ao Santíssimo Sacramento,²⁸ a Paixão de Cristo reduzida às estações da Via-

²⁸ Uma devoção onde se privilegia uma relação afectiva sentimental com Jesus Cristo "preso" no sacrário, abandonado nas igrejas, um Jesus que espera simplesmente que a gente vá visitá-lo, louvá-lo, adorá-lo, ou "soltá-lo" para o colocar em alto trono, mas sem qualquer relação com a verdadeira dimensão da eucaristia que é a comunhão: "Anjos abri-nos o santuário, que no sacrário quero entrar e de Jesus no coração, doce mansão quero habitar..." assim se cantava ou então "No sacrário pequenino vive

Sacra,²⁹ a devoção mariana reduzida às imensas invocações de Maria e à recitação do Rosário, mecanizada e desincarnada da meditação efectiva dos mistérios de Cristo,³⁰ a devoção aos santos orientada em função das necessidades pessoais ou da eficácia de “marketing” dos pregadores e santuários,³¹ a oração pelos defuntos reduzida à expressão do medo do inferno e do respeito pela morte, à veneração dos familiares antepassados, em vez de orientada para a conversão e condução da vida de cada dia para o encontro com o Pai.³² Ao mesmo tempo, desenvolvem-se formas de religiosidade marcadas por uma perspectiva pessoal e mesmo egoísta da oração, onde vigora o pietismo e a ingenuidade, a léguas de uma ignorada linguagem bíblica e litúrgica.³³ Ousaríamos dizer que é ainda este o estado em que nos encontramos, na maior parte dos casos; quer dizer, a oração e vivência litúrgicas são entendidas, ainda hoje, apenas dentro dos cânones da religiosidade popular.³⁴

A reforma litúrgica preconizada pelo Concílio Vaticano II não esqueceu, nem muito menos condenou a religiosidade popular, mas propôs a sua renovação, no quadro de um relacionamento com a liturgia oficial (*Const. “Sacrosanctum Concilium”*, n. 12-13); trata-se de uma reforma que não foi feita ainda, a não ser por algumas experiências

Jesus por amor, Aqui virei cada dia a cantar em seu louvor”. Vejam-se dos *Devocionários* que ainda vão resistindo em algumas das nossas igrejas...

²⁹ Uma Via sacra onde se privilegia a dimensão dolorosa dos tormentos, o abandono dos discípulos, a ingratidão dos soldados, a compaixão de Verónica, o sangue, os pregos, a cruz colocados à contemplação e à “pena” dos cristãos mas sem se importarem com a encarnação do sofrimento de Jesus por parte de quem completa na suas carne o que falta à Paixão de Cristo: “Ouves as marteladas? Coloca a tua mão onde está a de Jesus!” – Escutava eu quando era miúdo...

³⁰ Maria é vista como a “mãezinha do céu” num pietismo e infantilismo que por vezes rondam mesmo o ridículo tanto em orações como em cânticos...

³¹ Na devoção aos santos as coisas orientam-se por uma relação de negócio marcado por promessas que é necessário cumprir rigorosamente sob pena de cair sob a vingança do próprio Santo; é mais importante ir debaixo do andor, tocar a orla do manto, colocar a imagem na cabeça, rezar uma determinada quantidade de “pai nossos” do que procurar saber como imitar os seus exemplos e participar dos seus méritos e intercessão junto de Deus que é afinal a única razão de ser da santidade.

³² Veja-se a prática das “intenções encomendadas” dos “testamentos de missas” e mesmo a frequência das igrejas no Dia de Finados, as romagens ao cemitério e a frequência da eucaristia no mês de Novembro.

³³ Orações que muita gente aprendeu e guarda religiosamente no seu repertório como se de algo extraordinário e eficaz se tratasse. Orações que dizem coisas como: “Padre-nosso pequenino, quando deus era menino pôs o pé no seu altar, seu sanguinho a pingar. Tem-te, tem-te Madalena, Não o queiras alimpar, que estas são as cinco chagas que o Senhor tem p’ra passar”

³⁴ Assunto também abordado no *Directório sobre a Religiosidade Popular*, n. 47

em casos raros e isolados,³⁵ mesmo que a Sagrada Congregação para o Culto Divino tenha lançado em 2002 o “*Directório sobre a Religiosidade Popular*” Paulo VI, na *Encíclica “Marialis Cultus”* (1974), apresentava quatro critérios para a valoração das manifestações da piedade popular mariana: critério bíblico, litúrgico, ecuménico e antropológico;³⁶ vinte e cinco anos depois do Concílio, João Paulo II, na *Carta Apostólica “Viver a Liturgia”* (1988), indicava a religiosidade popular como veículo preferencial para conduzir a uma melhor compreensão e vivência dos mistérios da liturgia cristã, particularmente para os não praticantes habituais;³⁷ mais recentemente, na *Encíclica “Rosário da Virgem Maria”* o mesmo pontífice renova a devoção do rosário restituindo-lhe e valorizando a meditação dos mistérios de Cristo com Maria,³⁸ razão que fundamenta a inclusão dos cinco mistérios da luz como forma de complementar o que aí faltava da vida de Cristo. O mesmo se pode dizer do culto eucarístico que vem sendo revitalizado, particularmente com as propostas do ritual e, recentemente, com a *Encíclica “A Igreja vive da Eucaristia”* e a *Carta Apostólica “Fica conosco, Senhor”*. A devoção aos santos vem sendo apresentada como estímulo a uma vivência exemplar do evangelho, de que eles são testemunho, e também como desafio à santidade para todos os cristãos; este tema esteve particularmente presente no Grande Jubileu do Ano 2000, e dele se faz eco a *Carta Apostólica “Novo milenio inneunte”*, associada ao grande número de beatificações e canonizações celebradas pelo actual pontífice. A Via-

³⁵ Pessoalmente, tenho tido essa preocupação em toda a minha actividade pastoral, nomeadamente nas pregações em honra de Santos, nos Tríduos, nas celebrações marianas com as diferentes invocações onde procuro apresentar a sua fundamentação e sentido bíblico e mesmo nos “Jubileus das Almas” vistos numa perspectiva teológica e litúrgica de “comunhão dos santos” e preparação da vida.

³⁶ Critério bíblico: inspiração e proposta de celebrações a partir da Sagrada Escritura; critério litúrgico: acudir particularmente ao património eucológico da Igreja e à teologia litúrgica; critério ecuménico: evitar elementos ou expressões que possam ferir a sensibilidade dos irmãos separados que devem ser respeitados sem que se renuncie aos valores da tradição católica, mas aproveitando inclusivamente fórmulas válidas de oração de outras confissões cristãs; critério antropológico: partir da antropologia cristã iluminada pelo magistério da Igreja, para construir fórmulas de celebração adequadas à vida actual e às diferentes culturas

³⁷ Ver o *Directório sobre a Religiosidade Popular*, n. 11

³⁸ JOÃO PAULO II, *Enc. “O Rosário da Virgem Maria”*, n. 5, 12-17, 26 e 30. A mesma doutrina é resumida pelo próprio Papa na *Carta Apostólica “Fica conosco, Senhor”*, n. 9, nos seguintes termos: “Esta oração tradicional, tão recomendada pelo Magistério e muito amada pelo povo de Deus, possui uma fisionomia marcadamente bíblica e evangélica, centrada prevalentemente sobre o nome e o rosto de Jesus, fixado na contemplação dos mistérios e na repetição da *Ave Maria*. O seu ritmo repetitivo constitui *uma espécie de pedagogia de amor*, feita para inflamar o coração com o mesmo amor que Maria nutre pelo seu Filho. Por isso, conduzindo a nova maturação um itinerário plurissecular, quis que esta forma privilegiada de contemplação completasse seus traços de verdadeiro «compêndio do Evangelho», com a introdução dos mistérios da luz”.

Sacra ocupa também um lugar particularmente significativo no pontificado de João Paulo II, como proposta de vivência do mistério da Paixão do Senhor, unido ao sofrimento humano, através de uma completa renovação do estilo dos textos e dos temas e com algumas alterações na estrutura da mesma, de modo a aproximá-la da verdade do evangelho, afastando-a de um pietismo sentimentalista e vazio de conteúdo teológico e espiritual.³⁹ A oração pelos defuntos vem sendo purificada nomeadamente nos desvios ao nível da liturgia; João Paulo II fala dela nos seguintes termos: “A oração pelos defuntos é quase um combate com a realidade da morte e destruição que pesa sobre a existência terrena do homem. Ela é e permanece sempre uma particular revelação da ressurreição. Em tal oração é o próprio Cristo a prestar testemunho à vida e à imortalidade a que Deus chama todo o homem”.⁴⁰ Estes são alguns exemplos e subsídios para compreendermos o valor das expressões da religiosidade popular e as possibilidades que elas nos oferecem para uma verdadeira oração, sendo bem orientadas. Essa boa orientação significa que as devoções populares devem convergir para a celebração litúrgica e nunca substituí-la ou retirar-lhe o lugar, quer no tempo que lhe destinamos, quer na dedicação e cuidado com a sua preparação.⁴¹

4.2 – Formas de oração em grupos particulares

A partir do Concílio Vaticano II foram surgindo, aqui e além, algumas formas particulares de oração apresentadas, por vezes, como único meio de atrair determinados grupos (movimentos, grupos de reflexão), ou determinadas faixas etárias (crianças, jovens) formas que se afirmam, por vezes, como alternativas à própria liturgia. Caracterizadas frequentemente por um certo “fundamentalismo bíblico e um exagerado

³⁹ Alguns exemplos dessa intenção do Pontífice se podem sentir no facto de encomendar a elaboração dos textos às personagens mais diversas, mesmo de outros ritos e confissões e inclusivamente a um grupo de doze jornalistas.

⁴⁰ JOÃO PAULO II, *Atravessar o limiar da esperança*, pág. 23.

⁴¹ Assistimos ainda hoje a situações em que as pessoas frequentam a celebração da “devoção do mês de Maio” integrada na própria Eucaristia ou imediatamente antecedente e, logo que começa a Eucaristia propriamente dita, se vão embora da igreja... como se pode ver nos nossos santuários gente preocupada em cumprir as promessas em volta da capela ou junto do santo, mas não participa na Eucaristia que se celebra ao lado ou persistem em rezar o “seu tercinho” sem atender ao desenrolar da celebração litúrgica.

horizontalismo político”,⁴² estas expressões de oração ganham terreno entre as camadas mais jovens; são vistas como alternativa às formas de celebração litúrgica, por parecerem mais próximas da realidade da vida. É verdade que tais experiências podem permitir encarar a oração como algo que leva a reflectir sobre os acontecimentos da vida de hoje e a orar sobre eles; é verdade que podem ajudar a suprir um certo vazio manifesto nas fórmulas tradicionais de piedade ou a ultrapassar algum desconhecimento e incompreensão da verdadeira dimensão, sentido e eficácia da oração litúrgica. Porém será preciso estar atento, no momento em que tais manifestações se aproximam demasiado da linguagem comum pois, ao revestirem formas de actuação mais atraentes, podem também ser portadoras de graves erros e desvios; dessas manifestações de “oração comunitária” fazem parte gestos, canções, slogans, caminhadas e mimos que estão muito próximos de certas espiritualidades orientais, da linguagem dos concertos “rock”, dos movimentos “underground” ou das “claques” de futebol; alguns propõem e fazem jejuns que parecem estar mais perto de uma perspectiva dietética e macrobiótica da alimentação que de um verdadeiro espírito de sacrifício, configurado ao sofrimento dos outros, à solidariedade com os que sofrem, à partilha de bens com os que passam fome no mundo e à Paixão do Senhor que, pelo sofrimento e morte, nos conduz à ressurreição e à verdadeira vida.

Uma orientação correcta dessas formas hodiernas de oração deverá ser vista sempre à luz da Oração da Igreja que prevê em si mesma espaços de criatividade e de abertura suficientes para uma melhor aproximação às exigências do mundo de hoje. De facto, ninguém defende que os formulários da oração litúrgica, particularmente a *Liturgia das Horas*, constituam o monopólio ou o exclusivo de uma oração autêntica, nem muito menos ousaria afirmar que as comunidades primitivas são os únicos modelos autênticos de uma oração cristã. Mas temos que compreender que a criatividade e a novidade destas formas de oração devem brotar de uma prática frequente e amadurecida da Oração da Igreja e não aparecer como alternativa fácil e à margem da mesma; estas novas formas de oração e de reflexão podem encontrar um lugar adequado ao nível das adaptações previstas num esquema de Celebração da Palavra ou a partir da *Liturgia das*

⁴² Fundamentalismo bíblico que nasce de uma forte referência à Palavra de Deus, mas por vezes interpretada de forma unilateral e subjectiva ou enquadrada por situações concretas que a afastam do seu sentido original e universal; e o horizontalismo político quando a acção se insere numa determinada situação política e social, enferma de perspectivas ideológicas de orientação duvidosa e não tem em conta a dimensão eclesial da oração não apenas como espaço de denúncia dos males da sociedade, mas também como proposta de salvação e de esperança à luz da mensagem e da palavra de Jesus Cristo.

Horas, em função de um determinado tema, de um determinado acontecimento ou mesmo da mística de um grupo de reflexão ou de um movimento apostólico que reza ou por quem se quer rezar.⁴³

As novas formas de oração e celebração cristã não podem ser procuradas apenas como novidade e alternativa a esquemas tradicionais de oração, mas realizadas como fruto maduro de uma vivência da oração da Igreja, como nova possibilidade exercitada com base em dois pressupostos fundamentais: em primeiro lugar, o reconhecimento da oração comunitária como autêntica oração eclesial e não como espaço devocional moderno para determinado grupinho e, em segundo lugar, a existência de um esquema válido de oração que possa garantir a autenticidade de tais celebrações como oração cristã sem perigo de subjectivismos, divisionismos, ou desvios para orientações de carácter político ou ideológico. Podendo estes tipos de oração comunitária enquadrar-se perfeitamente numa Celebração da Palavra, num “momento de oração”, ou “momento formativo, evangelizador ou catequético”, já não se poderá aceitar que venham a preencher o espaço de uma celebração sacramental e muito menos intrometer-se na estrutura da Celebração da Eucaristia; estas celebrações e orações deverão, como sempre aconteceu, orientar-se, convergir e mesmo atrair para a celebração da Eucaristia como factor de unidade e testemunho de eclesialidade na comunidade cristã.

4.3 – Formas de oração individual

A preferencial dimensão comunitária da oração não impede, de modo nenhum, as formas pessoais ou individuais; escutamos aqui a recomendação do Senhor quando diz: “quando rezares, entra no teu quarto e fala ao teu Pai em segredo”(Mt 6, 6). Falar de oração privada ou individual não significa, porém, afastar-se das formas de oração comunitária, mas pelo contrário vivê-las numa perspectiva íntima e pessoal até no caso de não se poder participar na oração comum. O cristão, enquanto tal, reza sempre em comunidade porque não tem uma visão egoísta ou egocêntrica da oração; mais ainda, o

⁴³ Tal adaptação pode fazer-se ao nível da selecção dos textos, que serão, mesmo assim, da Sagrada Escritura ou do Magistério da Igreja, das orações, que devem ser extraídas do património eucológico ou muito próximas dele, e da elaboração de outros conteúdos como as intenções da oração universal, introduções e admonições e cânticos. Mesmo a criatividade nos momentos de reflexão não pode redundar numa interpretação subjectiva dos textos, mas ter sempre como referência os estudos dos mestres, a tradição hermenêutica patrística e as propostas do Magistério da Igreja.

cristão, sempre que reza, sente-se inserido na comunidade por quem reza, com quem reza e que reza com ele. Até o facto de termos a possibilidade de rezar pessoal e privadamente a *Liturgia das Horas*, essa não deixa de ser uma oração da Igreja, da mesma forma que é sempre celebração da Igreja total qualquer celebração “privada” da Eucaristia.

Toda e qualquer forma autêntica de oração cristã terá por referência os formulários da oração oficial; qualquer cristão pode rezar individualmente, seguindo um esquema abreviado de Laudes e Vésperas, pode recitar o Rosário da Virgem Maria com uma atenta meditação dos mistérios da vida de Cristo, pode recitar as fórmulas de um devocionário adequado e actualizado, pode rezar um Pai Nosso, uma Doxologia ou uma simples jaculatória, pode mesmo invocar ou louvar o Senhor com palavras que lhe saiam do coração no momento; mas, para ser verdadeira oração, qualquer delas será vivida com todo sentido que apontámos acima: deve revestir uma dimensão trinitária, cristológica, eclesial e antropológica que faça dela uma forma autêntica de diálogo com Deus e com os outros.

5. Conclusão

A actividade diária de Jesus estava tão unida à oração que parece surgir da mesma oração: retirava-se para o monte para orar (Mc 1,35; 6,46; Lc 5,16; Mt 4,1;14,23), levantava-se, de manhã ainda muito cedo (Mc 1,35), ou permanecia em oração desde o anoitecer (Lc 6,12) até à quarta vigília da noite (Mt 14,23.25; Mc 6,46.48). Quer isto dizer que a identidade de Jesus se manifesta na sua vida orante e de íntima relação com o Pai: a oração de Jesus não nasce das “preocupações”, das “ocupações” ou das “desocupações” do dia a dia, mas pelo contrário, são as ocupações de Jesus, os grandes discursos, as decisões importantes que nascem da oração; tudo faz parte do Seu trabalho, pois “meu Pai trabalha continuamente e eu também trabalho” (Jo 5, 17) . A oração do cristão nasce da sintonia com este exemplo de Jesus, “Ele que ora por nós, ora em nós e é invocado por nós. Ora por nós como nosso Sacerdote, ora em nós como nossa Cabeça, é invocado por nós como nosso Deus. Por isso reconheçamos nele as nossas vozes e reconheçamos a sua vós em nós”.⁴⁴ Falar da oração do cristão é

falar da sua condição de filho de Deus e discípulo de Jesus, condição que se exprime por uma imitação da vida e dos gestos do Mestre; assim sendo, a oração não se deve limitar a momentos determinados, em função do tempo disponível, que afinal nunca temos, mas deve constituir uma “forma de estar” no mundo e na vida, uma forma de estar de onde nasce uma análise do mundo, um nível de compromisso nas situações com que depara, a motivação para o trabalho, a disponibilidade e responsabilidade nas relações familiares, as grandes decisões ou pequenos gestos e palavras, a força da fé e do testemunho na comunidade. Tudo isso deve nascer de um coração orante, generoso e confiante em Deus que nos acompanha.

É certo que, muitas vezes, falta a vontade de orar e nos sentimos compensados e confortados pelo facto de não rezarmos; porém a oração é como a alimentação: não precisamos de ter fome e mesmo apetite para nos aproximarmos da mesa ao chegar a hora; quando não temos fome até arranjamos um aperitivo, quando não temos apetite forçamos um pouco pois nos dizem que é preciso comer para não arranjarmos uma anorexia ou mesmo uma anemia... O rezar implica também a utilização de expressões verbais, o dizer orações, mas significa sobretudo estar alerta, permanecer à escuta para perceber o mínimo sussurro que poderia revelar o aproximar-se de Deus, melhor, o nosso aproximarmo-nos dele, depois de tantos tormentos, itinerários sinuosos, dúvidas, incertezas, recusas, esquecimentos e arrependimentos. Experimentemos fazer o mesmo com a oração! Aproximemo-nos da mesa da oração ao chegar a hora e eis que a mente e o coração se voltam para Deus como para uma promissora ementa; se não temos fome de oração arranjemos um aperitivo – tomemos um cálice da Palavra, petisquemos um pouco de silêncio, passemos o olhar por uma imagem pois, se “os olhos também comem” também podem rezar, meditemos numa notícia que lemos, numa palavra amiga que escutámos – tudo pode estimular a fome da oração; se não temos apetite podemos sempre insistir, criando hábitos, através de uma fórmula ou de um texto que nos vem à mão. Se formos cedendo à falta de apetite na oração acabamos por não lhe sentir a falta e, quando dermos conta, ou já foram os outros a dar conta, estamos anorécticos: já não rezamos nada, já nem sequer sabemos rezar e, pior, estamos convencidos de que temos uma vida espiritual regular; daí a definhar e a morrer de anemia espiritual é um passo. Deixai que vos diga, mesmo mantendo o tom de humor por onde agora me deixei levar, que “no comer e no rezar, tudo vai do começar!”

⁴⁴ SANTO AGOSTINHO, *Ennarrationes in Psalmis*, 85, 1; citado na *Instrução Geral da Liturgia das Horas*, n. 7.

Ora isto até encontra uma justificação teológica: de acordo com o evangelista S. João, compreendido e seguido pelos grandes santos e homens de oração, que também tinham as suas crises, e não eram pequenas, a sede de Deus nasce não só de uma procura dele, mas do facto de nos apercebermos de que Ele que tem sede de nós; Ele anda à nossa procura como fez Jesus ao ir ter com a Samaritana: “Dá-me de beber!”(Jo 4, 7) e depois lhe ofereceu a água da vida. A samaritana foi simplesmente buscar água, uma atitude rotineira numa vida já bastante vazia e dispersa, ao que podemos saber – “tiveste cinco maridos e este que tens não é teu!...”(Jo 4, 18) – mas teve a felicidade de se encontrar com Jesus, de reconhecer o extravio da vida “de marido em marido”, de não ter problemas em Lhe dar de beber; e foi ela que mais lucrou com essa atitude. E, já agora, no contexto da explicação teológica, escutem mais esta: “A oração é vinho do céu que alegra o coração do homem, é bálsamo que cura o sofrimento, é alimento da alma, é língua com que falamos com Deus, é maná celestial, mais doce que o mel. Mas tal como o maná só foi dado depois de se terem deitado fora as cebolas do Egipto e como o mel não é produzido pelos porcos, mas pelas abelhas que voam solícitamente de flor em flor, também só quando deitamos fora as preocupações, as honras e consolações terrenas e deixamos esvoaçar o nosso pensamento pela beleza das virtudes, das palavras, pensamentos e realidades santas poderemos saborear a doçura da oração para não mais nos afastarmos dela”.⁴⁵

Viana do Castelo, 6 de Fevereiro de 2005

Jorge Alves Barbosa

⁴⁵ Pensamento retirado e resumido do BEATO FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, pág. 204. Será verdadeiramente enriquecedor ler todo o texto da pág. 203 a 205. O que aí se diz ao Bispo serve afinal para todo e qualquer cristão.